



África Capital

Recursos africanos vão ser essenciais para a transição energética global

Cobalto da RDC para baterias e turbinas, platina e paládio da África do Sul para redes elétricas de veículos e células de hidrogénio. Nos próximos 30 anos, as economias desenvolvidas vão ter de assegurar recursos naturais como estes para alimentar as indústrias de energia renovável. ● P2 e 3



ECONOMIA

Coronavírus penaliza preços de 'commodities' e trava crescimento de economias africanas

Queda nos preços agravou-se com o surto do vírus, que veio expor a dependência excessiva de vários países a exportações de matérias-primas. Esta desaceleração segue-se às tensões provocadas pelo conflito comercial entre EUA e China. ● P3

ENERGIA

Estabilidade e produção de gás natural fazem do Egito um caso de sucesso

Após anos de luta política, o país estabilizou e a economia cresce mais de 5% ao ano, impulsionada pela produção de gás natural. ● P4

CONFLITO

Guerra na Líbia está a evoluir para uma crise à escala internacional

Enquanto se procura solução política para travar envio de armas e mercenários, rebeldes suspendem exportações de petróleo. ● P6



Khalifa Haftar
Líder do Exército Nacional da Líbia

As várias correntes da energia em África



Shrikesh Laxmidas
Diretor Adjunto do Jornal Económico

Fontes de receitas e potenciais alavancas de crescimento? Ou dependência excessiva e causa de conflito? O papel da extração de matérias-primas tem aspetos muito positivos, mas também tem ângulos nefastos para as economias e sociedades de vários países africanos.

Nesta edição do África Capital tivemos oportunidade de olhar para diferentes lados desse mesmo papel. O surto do coronavírus veio reduzir a procura de petróleo e gás pela China, com a queda dos

A transição energética vai acelerar a procura por recursos cruciais em África. Para o bem ou para o mal

preços a travar as economias dos exportadores africanos e a evidenciar a excessiva dependência.

No reverso da medalha, olhamos para um Egito que esteve demasiado tempo em crise interna, mas que agora aproveita a estabilidade e a produção de gás natural para pôr a economia a crescer acima dos 5%.

Estabilidade é precisamente o que tem faltado à Líbia, pois o país vive no caos desde a morte de Khadafi, em 2011. O petróleo não

é o único motivo de turbulência, há guerra ideológica e interesses regionais, mas é sem dúvida um dos principais problemas.

Se o petróleo e o gás natural são de momento as matérias-primas que enriquecem e ao mesmo tempo perturbam vários países africanos, as do futuro poderão ser o cobalto, a platina ou o paládio.

A transição energética vai acelerar a procura por estes recursos cruciais em África. Para o bem ou para o mal. ●

FUTURO DAS RENOVÁVEIS

Transição energética mundial enfrenta escassez de metais raros

Nos próximos 30 anos, as economias ricas têm de assegurar recursos africanos para alimentar as suas indústrias de energia renovável.

LUÍS NAVES

luis.naves@africapital.net

O problema das alterações climáticas provocadas pelo uso generalizado de combustíveis fósseis pode levar, nos próximos 30 anos, a uma corrida pelo desenvolvimento de tecnologias e equipamentos que permitam a chamada transição energética. Esta é a designação dada a um complexo processo de mudança para novos tipos de produção de energia, mais sustentáveis e que não incluam a queima de combustíveis fósseis.

Com estas transformações, a economia mundial vai ser muito diferente da atual, sendo contudo difícil de prever se esta transição será total. A questão é também estratégica, pois os países ricos que

vão desenvolver estas novas tecnologias precisam de ter acesso a recursos minerais imprescindíveis, e quem garantir esses mesmos recursos terá uma vantagem competitiva. Ora, sem as matérias-primas africanas, é pouco provável que a transição energética seja concretizada, pois as indústrias de energia têm de construir baterias, redes elétricas e turbinas com resistência a altas temperaturas, usando componentes difíceis de encontrar na natureza.

Muitas tecnologias necessárias para produzir energia de fontes renováveis requerem minerais que só se encontram em alguns locais do planeta. O melhor exemplo é o cobalto, sem o qual as baterias podem explodir. Este metal, extraído de minas de cobre e ferro, também serve para turbinas a gás

2/3
do cobalto
mundial

É produzido na República Democrática do Congo

e motores de avião, mas é caro e pouco abundante. A República Democrática do Congo produz dois terços do cobalto mundial. O restante encontra-se sobretudo na Zâmbia, Rússia, China e Canadá, mas em menor quantidade.

São produzidas anualmente mais de 100 mil toneladas de cobalto, mas as necessidades devem aumentar de forma dramática ao longo do tempo, sobretudo por causa das baterias de automóvel. Neste momento, o preço é inferior ao de 2016, devido à queda generalizada das matérias-primas (consequência do arrefecimento da economia mundial), mas as minas são remotas, estão num país instável e a dependência de um único fornecedor pode tornar-se a maior limitação. Mesmo que as baterias tenham um rácio

menor de cobalto, esta matéria-prima ameaça tornar-se numa grande dor de cabeça para algumas indústrias, sobretudo na Europa e Estados Unidos, onde as empresas têm tentado criar stocks.

A África do Sul é o maior produtor mundial de platina (70%) e o segundo maior de paládio, dois elementos cruciais para a emergente indústria energética. A platina é utilizada em redes e veículos elétricos; o paládio é crucial nas células de hidrogénio, onde reações entre hidrogénio e oxigénio criam eletricidade, calor e água. Há outros nomes a que nos vamos habituar, como manganês ou as chamadas terras raras, um grupo de 17 elementos químicos usados em ligas metálicas resistentes a altas temperaturas, com



100
mil toneladas
de cobalto

Produção anual

um nome algo enganador, pois alguns destes metais não são assim tão raros.

O consumo mundial de terras raras cresceu sete vezes nos últimos 50 anos. A relativa escassez de alguns destes metais, como lantânio e térbio, tem sido um problema para a produção, por exemplo, de telefones móveis e ecrãs de televisão, mas há também numerosas aplicações militares. A China é o maior produtor mundial de terras raras e os EUA, que compram 78% das suas necessidades aos chineses, têm tentado encontrar outras fontes, nomeadamente em África, onde foram feitas descobertas, por exemplo na Zâmbia, Moçambique e Malawi. Conciliar o ambiente com a economia terá, provavelmente, esta dificuldade adicional. ●

ECONOMIA

Dependência do gás e petróleo trava economias africanas

Queda nos preços internacionais das matérias-primas agravou-se com a crise da epidemia na China.

A dependência excessiva das exportações de petróleo e minérios deu origem em vários países a anos de crescimento medíocre, devido à queda sistemática dos preços, sobretudo a partir de 2014. Em consequência da inesperada crise provocada pelo coronavírus, nas últimas semanas os preços internacionais começaram a descer ainda mais do que acontecera ao longo de 2019. Alguns exemplos: nos 30 dias até 11 de fevereiro, o zinco caiu 10,7%, o ferro 13,3%, a soja 5,5%. Quanto ao petróleo e gás natural, as quebras foram mais acentuadas, na ordem dos 18%.

Tudo isto sugere grande ansiedade dos investidores em relação às perspetivas da economia mundial. Os mercados de matérias-primas já estavam a desacelerar antes da epidemia na China, devido às tensões do conflito comercial entre Pequim e Washington. Os países pobres sofreram com a instabilidade gerada e, como se isso não bastasse, algumas economias africanas estão a sentir os efeitos do abrandamento económico que se prevê para este ano. Produtores petrolíferos, como Nigéria e Angola, cujos orçamentos dependem em mais de dois terços das receitas do petróleo, crescem com demasiada lentidão, com serviços de dívida que começam a ter peso excessivo nas contas públicas.

O crescimento lento surge numa altura em que a economia global está em mudança tecnológica e coincide com uma expansão demográfica acelerada em África. Segundo as projeções da ONU, a Nigéria, com 180 milhões de habitantes, terá mais de 400 milhões de pessoas em 2050; a Etiópia quase duplicará os atuais 100 milhões e a Tanzânia pode triplicar os seus 54 milhões de habitantes.

Os países europeus querem minimizar as previsíveis ondas migratórias, caso não haja trabalho para estas multidões, por isso estão a tentar promover programas de investimento, de que é exemplo a iniciativa Compacto para a África, do G20 (grupo das 20 maiores economias). Será necessário criar empregos, combater a corrupção, modernizar

a agricultura e promover a integração regional, pois o comércio intra-africano é apenas de 18% do total do continente, contra 35% na América Latina, onde também existem barreiras regionais, não sendo por isso um bom exemplo na matéria. Um eventual acordo de livre comércio na África subsariana poderia duplicar aquele valor, com grandes benefícios económicos.

Em partes do continente, nos últimos dois anos, aumentou a pobreza, com reduções do PIB per capita: o Zimbabué foi devastado pela hiperinflação, no Quênia houve chuvas tardias e no Senegal a agricultura foi atingida por uma seca severa.

Também há exemplos de sucesso, nomeadamente a Etiópia. Segundo as previsões do Banco Mundial, a Etiópia será o país recordista africano de crescimento económico em 2020, com uma taxa de 8,2%. Ainda no início dos anos 80 do século passado, mais de um milhão de etíopes morreram de fome, mas nos últimos 15 anos o país tem crescido a um ritmo anual próximo de 10%. O primeiro-ministro Abiy Ahmed, no poder desde abril de 2018 (vencedor do Prémio Nobel da Paz em 2019), está a lançar um ambicioso plano de reformas, que inclui privatizações em larga escala e eleições competitivas em agosto. O partido no poder desde 1991 (Frente Popular Democrática Revolucionária) mudou de nome para Partido da Prosperidade e o ambiente político

tornou-se mais tolerante, apesar do descontentamento se manter em regiões que ainda não estão a beneficiar das melhorias económicas e da incipiente industrialização. A descoberta de gás natural foi um dos fatores deste êxito.

Os maiores investidores em África continuam a ser os países europeus, seguidos dos Estados Unidos, que parecem cada vez menos interessados neste continente. No seu lugar, surgem outras nações, como China e Índia, que precisam de matérias-primas, sobretudo de energia. Apesar de tudo, o investimento direto estrangeiro foi de 41,8 mil milhões em 2017, o mais baixo registado em África em dez anos.

Mais do que petróleo ou energias renováveis, África parece estar no limiar de uma revolução no gás natural, após grandes descobertas na última década, nomeadamente no Egito, Moçambique e Tanzânia. A África Oriental deverá tornar-se muito importante para a indústria mundial do gás, mas se isto vai traduzir-se em riqueza dependerá do investimento, da estabilidade política, dos portos e das infraestruturas de liquefação que permitam exportar estes produtos. Tudo dependerá, enfim, de um conjunto de redes de energia e transportes que vão permitir o aparecimento de pequenas indústrias.

O facto é que África já está a mudar, e depressa, como mostram os números da Agência Internacional de Energia (AIE) sobre emissões de dióxido de carbono. Entre 1990 e 2017, as emissões deste gás de efeito de estufa aumentaram 123%, o que indica consumo de energia e, de forma indireta, atividade económica. No mesmo período, o PIB global africano, em paridade de poder de compra, cresceu 167%, acima do aumento populacional, que foi de 99%. As emissões estão sobretudo ligadas à expansão dos transportes rodoviários, afirma a AIE. A má qualidade da rede de estradas foi, no passado, um dos maiores estrangulamentos económicos do continente africano. Agora, parece que se tornou numa das suas alavancas de crescimento. ● LN

Os Estados Unidos parecem cada vez menos interessados em África. No seu lugar, surgem outras nações, como China e Índia, que precisam de matérias-primas, sobretudo de energia



Reuters

LUÍS NAVES

Luis.naves@africapital.net

A população africana cresce a um ritmo elevado e África deverá tornar-se, em 2023, impulsionando as necessidades de energia, sobretudo para alimentar as indústrias que deverão fornecer trabalho a tanta gente. As matérias-primas energéticas serão pois essenciais para o desenvolvimento dos países africanos, devido ao rápido crescimento populacional, sendo que alguns países procuram mais investimento em energias alternativas para reduzirem a sua dependência dos hidrocarbonetos.

O norte de África ilustra bem este problema, com economias dependentes das exportações de matérias-primas energéticas, mas regra geral apresentam crescimento lento e desemprego elevado. A Argélia e a Líbia, em particular, foram atingidas pela queda dos preços do petróleo nos mercados internacionais e, no caso líbio, também pela guerra civil. Marrocos é um caso à parte. Pobre em matérias-primas energéticas, este país tem uma economia diversificada, baseada na agricultura, com uma industrialização crescente, turismo e condições para desenvolver energia solar.

Ainda no norte de África, os números do Fundo Monetário Internacional revelam problemas, sobretudo a balança de pagamentos deficitária na Argélia (média anual negativa de 10% do PIB entre 2013 e 2017), e um crescimento per capita médio, no mesmo período, de apenas 1% no caso argelino, em comparação com 2,3% em Marrocos. As elevadas taxas de desemprego, nomeadamente jovem, parecem indicar a necessidade urgente de diversificação económica, tendência que exige estabilidade política e aumento significativo do investimento direto.

Após anos de intensa luta política, o Egito estabilizou e a sua economia está a reagir de forma positiva, crescendo anualmente acima de 5%, ao passo que o desemprego tem caído para menos de 8%. Em 2019, o Egito foi o principal destino africano do investimento internacional, num total de 7,5 mil milhões de euros, refletindo a confiança dos investidores nas reformas que o país tem levado a cabo, sobretudo a reforma fiscal e a redução dos subsídios aplicados aos combustíveis. Além de petróleo e gás, houve forte investimento em telecomunicações, turismo e imobiliário.

O êxito egípcio deve-se em grande parte ao gás natural, indústria que se encontra em franco desenvolvimento. O Egito é já o segundo maior produtor deste combustível em toda o continente africano e as suas reservas serão

suficientes para décadas de exploração. As descobertas são recentes e mudaram a própria sociedade: ainda recentemente, a energia tinha de ser importada a custos que sufocavam a economia, e havia constantes falhas de abastecimento elétrico, o que desencorajava a industrialização.

A exploração de gás natural e petróleo permitiu maior equilíbrio orçamental e deu origem a um surto de investimento externo, incluindo em novas fontes energéticas. A sul do Cairo está a ser construído o maior parque solar do mundo e, já neste ano, 20% da energia consumida pelos egípcios terá origem em fontes renováveis.

Tudo isto exigiu enorme esforço financeiro e agravou o maior problema da economia egípcia, que continua a ser a dívida elevada, superior a 90% do PIB, embora a mesma não impeça a existência de excedente primário (1,9% do PIB no ano passado). Segundo o Banco Mundial, a dívida é a maior vulnerabilidade africana. Beneficiando de taxas de juro baixas, e num contexto de crescimento lento, muitos países contraíram dívidas em excesso ao longo da última década e o seu pagamento sobrecarrega os orçamentos, deixando pouco dinheiro disponível para investir na educação, na saúde ou no combate à pobreza. ●

EGITO

Em busca de energia no norte de África

Estabilidade política, reformas económicas e descoberta de gás natural transformam o Egito num caso de sucesso.

O crescimento anual do Egito está acima dos 5% e o desemprego caiu para menos de 8%. Não admira que, em 2019, o país tenha sido o principal destino africano do investimento internacional, num total de 7,5 mil milhões de euros

CICLO DE CONFERÊNCIAS

PORTUGAL INTEIRO

***Empreendedorismo
e Inovação:
Região Centro
decisiva no impulso
económico nacional***

TEMAS:

Papel do Ensino Superior

Autarquias – Importância do Poder Local

A importância de uma cultura de empreendedorismo no desenvolvimento do interior

Os novos desafios das medias locais

A inovação como peça chave do desenvolvimento económico das cidades inteligentes

Qual o impacto da era digital no tecido empresarial?

9 VISEU

MARÇO

14h30

Instituto Politécnico de Viseu

Mais informações: gcc@telecom.pt | confjealtice.viseu@jornaleconomico.pt

Uma
organização
conjunta:



Acompanhe em direto em <http://jornaleconomico.sapo.pt> e nas redes sociais

PRODUÇÃO PETROLÍFERA

Guerra na Líbia está a evoluir para crise internacional

Enquanto se procura solução política para travar o envio de armas e mercenários, rebeldes suspendem exportações de petróleo. O impacto vai sentir-se no preço e nas economias de todo o norte de África.

LUÍS NAVES

Luis.naves@africapital.net

A crise na Líbia agravou-se no início do ano, tendo havido combates muito violentos, tréguas intermitentes e intervenção direta de países estrangeiros, cada um a tentar impedir a destruição da sua facção no terreno.

A guerra civil reacendeu-se em abril de 2019, quando o general Khalifa Haftar, de 76 anos, que lidera o Exército Nacional da Líbia em Bengazi, no Leste, lançou uma ofensiva contra o frágil governo do Acordo Nacional, reconhecido pelas Nações Unidas. Inicialmente, as forças rebeldes tiveram algum sucesso, chegaram a ameaçar a conquista da capital, Trípoli, mas o ataque transformou-se num impasse militar, com mais de dois mil mortos, entre eles centenas de civis, e dezenas de milhares de deslocados.

A atual crise é marcada por aspetos ideológicos, entre os quais a luta contra o fundamentalismo, e tem origem no derrube do regime de Muammar Khadafi em 2011, mas também é óbvia a importância das lutas entre potências e de controlo dos recursos estratégicos da região. A Turquia quer aumentar a sua influência no Mediterrâneo e no norte de África, e o Egito está a tornar-se uma potência na mesma zona. Para os europeus, o que está em causa é a segurança energética e o controlo das migrações.

O líder rebelde, Khalifa Haftar, foi um dos generais do regime de Khadafi, mas rompeu com o ditador nos anos 80, tendo adquirido fama de manter ligações com a CIA. A sua ofensiva pretendia tomar o poder em todo o país e neutralizar milícias de radicais islâmicos que estariam a apoiar o gover-

no. No entanto, os ataques também interromperam a reforma do executivo do primeiro-ministro Fayeze al-Sarraj.

Perante a iminência de queda de Trípoli, o parlamento turco decidiu defender o governo líbio e, logo a seguir, Haftar pediu auxílio ao Egito. Os turcos enviaram elementos dos serviços de informação, armas sofisticadas e mercenários recrutados na Síria. A Turquia parece sobretudo querer alargar a sua influência no Mediterrâneo oriental, tendo já negociado direitos de exploração no fundo marinho da parte líbia do Medi-

terrâneo, onde haverá abundantes recursos minerais.

No terreno, entretanto, os combates acalmaram e as facções tentam agora reorganizar as suas forças. Na atual fase do conflito, há um grupo de potências, incluindo Emirados Árabes Unidos, Egito e Arábia Saudita, a enviar armas sofisticadas para as forças rebeldes, desobedecendo a um embargo das Nações Unidas. Sabe-se que do lado do Exército Nacional da Líbia estão ativos centenas de mercenários russos, aparentemente com o beneplácito do Kremlin. Bengazi teve apoio francês em 2011, com o derrube de Khadafi imposto por uma intervenção de aliados ocidentais, e terá tido desde então, mas Paris nega qualquer intervenção nesta conjuntura.

Ministros de vários países interessados no conflito (incluindo Rússia, Turquia, Itália, Estados Unidos, França e Alemanha) tentaram lançar água na fervura e discutiram em Munique, numa reunião que teve lugar este fim de semana, as violações do embargo de armas à Líbia. O grupo chegou a um compromisso que poderá definir um sistema eficaz de controlo, com a criação de um comité que vai acompanhar os desenvolvimentos da guerra civil. Também houve acordo sobre a necessidade de acelerar as negociações de cessar-fogo, já que as atuais tréguas, definidas no final de janeiro numa reunião em Berlim, têm registado numerosas violações. A Alemanha está a tentar criar rondas negociais contínuas, visando um acordo de paz, enquanto as duas facções líbias continuam em Genebra a discutir, sob a égide da ONU, a possibilidade de um cessar-fogo.

Os Estados Unidos parecem ter deixado nas mãos dos países europeus toda e qualquer iniciativa de paz, na medida em que uma intervenção poderia ser mal interpre-

tada: Washington terá tendência para apoiar o Egito, país vizinho cuja desestabilização não interessa aos americanos, mas isso implica que a superpotência ficaria do mesmo lado que a Rússia. Moscovo, por seu turno, também não pode exagerar no papel de apoio a Haftar e, por incrível que possa parecer, o conflito sírio está a ser exportado para a Líbia, onde se confrontam mercenários sírios e russos que já combateram uns contra os outros na Síria.

Num desenvolvimento que se pode revelar decisivo para forçar um acordo, as forças rebeldes bloquearam os oleodutos que ligam a costa aos campos petrolíferos do interior, parando as exportações de petróleo.

Antes da crise, a Líbia produzia 1,3 milhões de barris de petróleo diários; na semana passada, a produção caiu para menos de 200 mil barris por dia. O efeito nos mercados internacionais não foi dramático, mas a instabilidade pode prolongar-se, o que teria implicações não apenas no preço do petróleo, mas também nas economias de todo o norte de África.

A Líbia vive no caos absoluto desde 2011, dividida em dois territórios quase independentes, que correspondem às suas duas zonas tradicionais, Tripolitânia e Cirenaica, cujo percurso histórico foi distinto. Na costa líbia terminam importantes rotas das migrações africanas, que trazem milhares de pessoas ao sonho (quantas vezes pesadelo) de atravessar o Mediterrâneo rumo à Europa, acabando muitas delas em campos de refugiados ou numa espécie de escravatura. Este turbilhão político está também a facilitar a implantação, com apoio tribal, de grupos fundamentalistas ligados ao Estado Islâmico, capazes de desestabilizar todo o Sahel. ●





Reuters

BREVES

Nigéria com dúvidas sobre moeda única da África Ocidental

A presidência nigeriana da Comunidade Económica dos Estados da África Ocidental (CEDEAO) apelou ao adiamento do lançamento do eco, a futura moeda única da região, que devia ser adotado este ano. Abuja diz que não foram cumpridos os critérios de convergência acordados entre os Estados membros da organização. A adoção da futura moeda única visa substituir o franco CFA, utilizado pela maioria dos Estados da CEDEAO, à exceção de cinco, incluindo a Nigéria. Em dezembro, oito membros de língua francesa anunciaram a sua decisão de adotar a nova moeda, diminuindo a sua dependência financeira em relação à França. Em troca da convertibilidade do franco CFA com o euro, os franceses detêm metade das reservas de divisas dos países que adotaram a moeda africana.

Ambições para a zona de comércio continental

O desenvolvimento de infraestruturas robustas será crucial para tornar a Zona de Livre Comércio Continental Africana (AfCFTA) num sucesso, afirmou o presidente sul-africano Cyril Ramaphosa. Na abertura da 33ª sessão ordinária da assembleia dos chefes de Estado e de governo da União Africana, realizada na capital etíope, Adis Abeba, Ramaphosa defendeu que a nova entidade, estabelecida em 2018, tem potencial para abrir caminho para a integração de África na economia global. “Temos de tornar iguais as regras de atuação para as empresas africanas, para que possam operar num mercado de larga escala sem restrições”, disse o presidente sul-africano. Quando estiver concretizada, a AfCFTA reunirá países com uma população combinada superior a mil milhões de pessoas e um PIB conjunto de 3,4 mil milhões de dólares (3,1 mil milhões de euros).

Procuradoria angolana apreende imóveis

Os imóveis construídos com fundos públicos e apreendidos pela Procuradoria-Geral da República (PGR) de Angola em Zango Zero e no Kilamba estão avaliados em 532,3 milhões de dólares (490 milhões de euros), segundo fonte oficial citada pela agência Angop. O valor corresponde a mais de mil imóveis inacabados, além de edifícios, estaleiros e terrenos, na urbanização Vida Pacífica. Segundo uma fonte da PGR, a titularidade desses bens esteve atribuída aos cidadãos angolanos Fernando Gomes dos Santos e Samora Borges Sebastião Albino, acionistas da China International Fund Angola (CIF). A lista dos bens apreendidos inclui 24 edifícios, duas creches, dois clubes náuticos, três estaleiros de obras e respetivos terrenos adjacentes, numa área de 114 hectares, na urbanização Vida Pacífica (Zango Zero), município de Viana, em Luanda. Da mesma lista fazem parte 1.108 imóveis inacabados, numa área de 266 hectares, localizada no município de Belas, em Luanda.

Investimentos em barragens no Congo

A General Electric assinou um acordo preliminar com a República Democrática do Congo para desenvolver vários projetos de energia e saúde no país. As duas partes assinaram a 12 de fevereiro um memorando de entendimento sobre os projetos, avaliados em cerca de 1,65 mil milhões de euros, de acordo com a Bloomberg. Cerca de 920 milhões de euros referem-se a projetos hidroelétricos que adicionariam cerca de mil megawatts de energia à rede do Congo nos próximos três anos. Outros 700 milhões dizem respeito a investimentos em infraestruturas de saúde. O acordo pode incluir a reabilitação de turbinas nas barragens Inga I e II, que colocariam cerca de 650 megawatts de energia na rede. A GE está ainda a analisar a possibilidade de produzir energia através de projetos de gás natural liquefeito. A RD Congo encontra-se em negociações com o Banco Africano de Desenvolvimento para desenvolver uma terceira barragem no local de Inga, no rio Congo. Poderia produzir até 11 mil megawatts.



Reuters

OPINIÃO

Elementos sobre a política industrial na Tunísia



MOUNIR BEN RJIBA

Embaixador da Tunísia em Portugal

A indústria ocupou sempre um lugar importante na economia tunisina. O valor acrescentado do setor representa cerca de 30% do PIB. Depois da revolução de 2011 e a chegada da democracia à Tunísia, os governos lançaram uma nova política industrial, orientada para a criação e desenvolvimento de empresas e para o apoio à investigação e desenvolvimento. O objetivo é favorecer a inovação tecnológica, condição necessária para melhorar a atratividade e competitividade no plano internacional. Foi lançado um ambicioso programa de reformas, visando sustentar um crescimento mais forte e reforçar a competitividade do país, através de um número de ferramentas legislativas, nomeadamente a promoção do investimento industrial e a criação de *startups*.

Além destas reformas, a Tunísia repensou radicalmente o seu modelo de crescimento, a fim de atingir uma dupla mudança de paradigma: favorecer a emergência de um setor privado competitivo, principal motor do crescimento e da criação de emprego, bem como dos setores de alto valor acrescentado e forte componente tecnológica.

A área da economia com forte componente tecnológica começa a desenvolver-se. É o caso, por exemplo, da indústria aeroespacial, que conheceu grande expansão nos últimos anos. Hoje, mais de 80 empresas de vocação exportadora, algumas líderes mundiais, operam na Tunísia, sobretudo no polo aeroespacial situado nos arredores de Tunes.

Esta indústria emergente emprega mais de 17 mil pessoas e produz diversos artigos, como componentes eletrónicos, equipamentos e sistemas aeroespaciais, peças de mecânica de precisão, peças em chapa de precisão, peças de plástico, programas de computador e cabos. Há também o setor digital, que conhece forte crescimento na Tunísia através de mais de mil empresas, que empregam 35 mil pessoas, gerando 7,8 por

cento do PIB. Há ainda setores em forte progressão, como a indústria farmacêutica, as energias renováveis, o agroalimentar, a indústria mecânica, com enormes oportunidades para empresas nacionais e estrangeiras, nomeadamente para as empresas portuguesas.

A subida do nosso setor industrial nas cadeias de valor mundiais contribui para o sucesso das empresas que se implantarem na Tunísia. Muitos grupos estrangeiros de renome dão cada vez mais importância à sua localização tunisina. Há no país 3.486 empresas estrangeiras, entre elas Alcatel, Sanofi, Benetton, Danone, Unilever, General Electric, Heineken, Orange, Safran ou Stelia Aerospace.

A Tunísia tem condições para se tornar um polo atrativo de uma economia diversificada, com mão de obra qualificada e num local estratégico, no coração do Mediterrâneo, ligando dois continentes, África e Europa.

Em África, a Tunísia é líder na atração de talentos, na inovação e na competitividade. É também o segundo maior exportador mundial de tâmaras e de azeite, o terceiro maior produtor africano de componentes de automóveis.

As relações entre a Tunísia e Portugal são excelentes a todos os níveis. Portugal é o sexto maior investidor na Tunísia, com mais de 40 empresas de capital português em setores como têxtil e vestuário, materiais de construção (nomeadamente cimento), plásticos, cortiça e cablagem automóvel. Portugal acolhe igualmente, na região da Guarda, uma filial da empresa tunisina Coficab, que opera no setor dos cabos para automóveis. Essa empresa é considerada pelo governo como um caso de sucesso de investimento estrangeiro em Portugal.

Tunísia e Portugal partilham grandes semelhanças na dimensão, na população, na transição democrática, nos incentivos ao investimento, fatores que favorecem o reforço das ligações económicas entre os dois países. A consolidação da experiência democrática tunisina, após o êxito das eleições legislativas e presidenciais de 2019, vai contribuir sem dúvida para reforçar o capital de simpatia de que goza a Tunísia na cena internacional e encorajar mais empresas, nomeadamente portuguesas, para se instalarem na Tunísia, com vantagens para todos. ●

BREVES

Avança projeto de metro de superfície de Luanda

O memorando de entendimento para a construção do Metro de Superfície de Luanda foi assinado a 8 de fevereiro entre o Governo angolano e a empresa alemã Siemens Mobility, que vai começar as obras ainda este ano. O projeto está avaliado em 2,7 mil milhões de euros. O acordo, no âmbito de uma parceria público-privada, foi assinado pelo ministro dos Transportes, Ricardo Abreu Viegas, e pelo diretor executivo da Siemens Mobility, Michael Peter, no quadro da visita da chanceler alemã Angela Merkel. A Angola caberá uma participação na ordem dos 30%, cabendo os restantes 70% aos agentes privados interessados em participar. Durante a visita da chanceler alemã a Angola, foram ainda assinados memorandos de entendimento nos domínios dos transportes aéreos, energia e reabilitação de estradas, além de um acordo financeiro.

China reforça estatuto de maior credor de Moçambique

A China está a reforçar a sua posição de maior credor bilateral de Moçambique. O parecer do Tribunal Administrativo de Moçambique sobre a Conta Geral do Estado (CGE) de 2018 revela que a dívida à China subiu 270 milhões de euros entre 2017 e 2018, quando ascendeu a 2,5 mil milhões de euros. O aumento relaciona-se com endividamentos durante o último mandato do ex-presidente, Armando Guebuza, nomeadamente a parcela final do financiamento do Banco de Exportações e Importações da China, no valor de 6,7 mil milhões de meticais (cerca de 95 milhões de euros), para a construção de ponte Maputo-Catembe e da estrada entre Catembe e Ponta do Ouro. O valor não inclui os novos créditos negociados junto da China pelo presidente Filipe Nyusi. A dívida à China aumentou em quase 740 milhões de euros nos últimos quatro anos e equivalia, no final de 2018, a 39% da dívida externa moçambicana.